

CHARGES EDUCANDO NA PERSPECTIVA DA ABOLIÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA REVISTA ILLUSTRADA

THIAGO VASCONCELLOS MODENESI*

INTRODUÇÃO

O Brasil foi um dos países onde a prática da escravidão foi longa e sua abolição um processo de lutas e conquistas graduais. A formação da corrente abolicionista atraiu parte da elite da época que se reunia nos cafés e era influenciada pelas opiniões que chegavam da Europa. Somando-se a isso, uma parcela do povo menos letrado e sem oportunidade de acesso à escola acabou sendo ganha pelas críticas ao Imperador e ao regime vigente. As charges que eram publicadas nas revistas que circularam no país no século XIX foi o grande instrumento para esse acontecimento.

As charges permitiam que os menos abastados tivessem contato com a opinião dos letrados e fossem se inserindo na luta pela abolição. As mesmas cumpriram o papel de chegar a um público mais largo do que o que tinha acesso à escola tradicional. Logo, nosso trabalho estuda as charges publicadas na imprensa brasileira e que circulava no Segundo Reinado do Império do Brasil (1840-1889).

Essa fonte encontra-se arquivada no Senado Federal Brasileiro e, ao nos debruçarmos sobre os seus enunciados, pretendemos desenvolver uma narrativa a partir da perspectiva da civilização e educação. Buscamos, portanto, responder à seguinte pergunta: *como as charges deram acesso ao ideário abolicionista a parcelas menos letradas ou não letradas da sociedade brasileira no Segundo Reinado do Império?*

Para tanto, fazemos um levantamento através de estudo de quatorze exemplares da Revista Illustrada. A escolha dá-se pelo fato dos anos em que a revista circulou, analisando o material ali contido, além de dados sobre a sua circulação. O corpus documental será utilizado para entender e relacionar as charges com certas minúcias daquele tempo, respondendo às questões levantadas na investigação sobre a influência desse material como instrumento educacional não oficial e informal.

* Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Graduado em História, com Especialização em Ensino de História, Mestrando em Educação pela linha de Pesquisa de Teoria e História da Educação.

A análise interpretativa será realizada a partir da teoria elisiana, sob a qual repousa a ideia de processo civilizacional. A teoria de Norbert Elias nos ajudará a entender a gradual perda de poder da configuração¹ da monarquia, bem como sua relação com as configurações escravocratas e abolicionistas.

Os resultados apontam para a grande presença de charges na imprensa que circulava na época. Dentre os diversos desenhistas em vários estados do país, tem relevância Ângelo Agostini, cujo material circulava em São Paulo e na capital federal, o Rio de Janeiro. Agostini cumpria papel crítico à política e, em particular, à figura do Imperador. Além de ser chargista da revista, ele era seu dono e editor-chefe.

As charges podem ser consideradas como fonte a ser utilizada para um melhor entendimento do período em questão, bem como para o estudo da influência das mesmas sobre certa parte da configuração imperial.

Nosso artigo objetiva tratar a educação como algo que não se encerra na relação cotidiana entre docentes e discentes, bem como evidenciar seu caráter transformador. Entendemos a partir da capacidade de gradativamente exercer influência através de fontes alternativas. As charges aparecem atendendo as necessidades dos *outsiders*², que se encontravam fora do sistema oficial de ensino e da configuração de maior poder do Império.

Os estudos dos trabalhos gráficos dos chargistas em nosso país já ocorreram na esfera do aspecto social, histórico e cultural. Exemplo disso são as teses de doutorado em História de Gilberto Maringoni, intitulado “Ângelo Agostini: impressões de uma viagem da Corte a capital federal (1864 – 1910) e a de Andréa de Araújo Nogueira, defendida na Escola de Comunicação e Arte, chamada “Humor e Populismo: O desafio diário nas charges de Nelo Lorenzon (1948 – 1960)”, ambas defendidas Universidade de São Paulo – USP. O enfoque educacional será utilizado aqui como outro olhar lançado para mesma fonte.

¹ O termo remonta ao conceito elisiano de diversos espaços sociais e de convivência com núcleos de poder em que cada um interage e entrelaça entre si com relações de interdependência e intradependência.

² Segundo Elias estes são os aliados do poder majoritário, econômico e político, e vivem em permanente tensão em conflito para modificar o equilíbrio de poder.

Os quadrinhos, charges e caricaturas atingiam um público mais amplo a quem os textos não sensibilizavam, ou sequer eram entendidos, devido à grande quantidade de analfabetos à época. As publicações que estudamos, na forma de revistas ou periódicos, tinham nessas artes um instrumento de retratação das lutas entre as camadas sociais do período e a evolução da corrente abolicionista, com o crescimento do mesmo para além da intelectualidade. Para Joaquim Nabuco, por exemplo: “a Revista Illustrada era a bíblia abolicionista do povo que não sabia ler” (CENNI, F. Italianos no Brasil: “andiamo in ‘Merica”, São Paulo: Edusp, 2003, p. 341).

Esse alcance da Revista Illustrada, principal órgão de imprensa não oficial que circulava na época, se deu num contexto restrito. As demais publicações produzidas eram dirigidas aos letrados e a elite imperial.

Para uma melhor compreensão da nossa fonte cabe destacar que não havia uma separação clara entre Histórias em Quadrinhos, charges e caricaturas no período em que estudamos. Essas modalidades de arte gráfica dividiam as mesmas páginas das publicações da época. Não havia distinção de espaços, sendo tratadas como um só material, e seus autores, via de regra, eram os mesmos.

O que são charges, histórias em quadrinhos e caricaturas?

As caricaturas e charges têm sua origem na Europa. Caricatura vem do verbo “caricare” que significa exagerar, em italiano. Foi utilizada pela primeira vez quando os irmãos Agostini e Annibali Carraci tiveram sua obra chamada de “ritratini carichi” através dos comentários de A. Mosini que significou chamá-las de retratos carregados e fez uma referência à forma como os artistas retrataram pessoas comuns das ruas de Bolonha. A caricatura trabalha com o exagero de um indivíduo ou situação.

A palavra charge vem de carga, devido à quantidade de informação e crítica que esta carrega. Uma das definições de histórias em quadrinhos se dá na sequência de imagens. Segundo Scott McCloud, histórias em quadrinhos são “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador” (p. 9).

Queremos frisar que as charges, caricaturas e histórias em quadrinhos que estudamos como fonte de pesquisa não foram criadas para serem instrumentos pedagógicos. A justificativa surge por estarem no contexto da ebulição cultural que existia no período final do Império no conjunto das artes. Podemos destacar os diversos autores que dividiam com Ângelo Agostini as páginas da Revista Ilustrada e a defesa da abolição no Brasil como Aluísio Azevedo e Castro Alves nos textos e poesias, respectivamente. Pinturas, poesias e textos acompanhavam as histórias em quadrinhos, charges e caricaturas na consolidação do ideário abolicionista que marcava parte da figuração de corte e se alargava na figuração dos que estavam à margem da corte. Os autores do Império tinham a liberdade de desenhar o que quisessem, pois a Revista Ilustrada não tinha recurso algum vindo do governo. Isso nos permite estudar como algo que reproduz uma opinião dos que buscavam retratar a sociedade da época com objetivo de entreter e contestar as ideias, referências e políticas do que era hegemonia na sociedade da corte.

O papel das charges ajudando a educar fora da escola

Nosso trabalho leva em consideração o momento histórico que vivia o Brasil e o reflexo da política imperial na educação, em particular seu foco voltado para parcela da configuração da Corte da época.

No Segundo Reinado do Império Brasileiro a educação era voltada para poucos e com informações restritas ao permitido pelo Imperador. Em 1854 houve a elaboração de algumas leis sobre a educação, embora existisse essa iniciativa a maioria da população continuava analfabeta, poucos estudantes chegavam ao equivalente do ensino médio daquela época, as universidades eram um privilégio da elite. Só ocorrerão mudanças expressivas na República na área educacional.

Enxergamos o contraponto a isso nas publicações com preço acessível e com riqueza de imagens, aqui se destaca a Revista Ilustrada. Isso se deu nos periódicos, mas nas revistas que veiculavam ilustrações combinadas nas suas páginas com críticas literárias e textos que se faziam atrativos para os que sabiam ler pouco ou nada.

Vai surgindo um sentimento de progresso vinculado ao conceito de República, um estava intrinsecamente ligado ao outro. O Brasil era marcado pelas ideias positivistas e republicanas que os imigrantes traziam da Europa.

É no período do Império que as charges chegam ao Brasil. Ocorrem as primeiras publicações em 1837 e as mesmas adquirem força em 1840 na capital do Império, a cidade do Rio de Janeiro. Em 1868 o imigrante italiano Ângelo Agostini cria a que seria considerada a primeira história em quadrinhos do país: As Aventuras de Nhô Quim ou impressões de uma Viagem a Corte que foi publicada nas revistas Vida Fluminense, O Malho e Dom Quixote. Agostini caracteriza os personagens como caipiras que chegaram à cidade vivendo em um mundo que vive à margem da configuração da Corte, hegemônica no período.

Nessa época, as revistas tinham a relevância dos jornais como agentes de propagação de valores culturais, em particular por serem de leitura fácil pelo seu conteúdo condensado e virem numa publicação de preço acessível. As revistas tinham a crítica como fio condutor, que pode ser expresso no humor negro e sarcasmo presentes nos textos, poesias, caricaturas, charges e histórias em quadrinhos, colaborando na consolidação do gênero das revistas de tipo ilustrada.

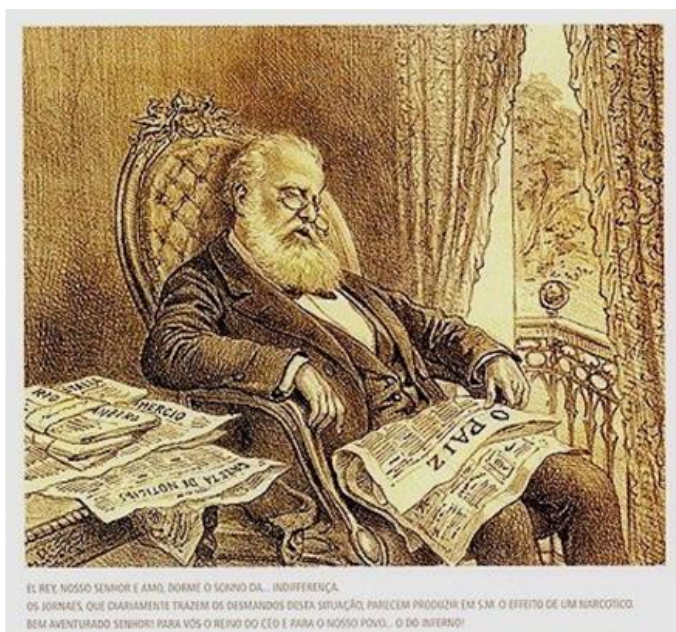
A Revista Ilustrada foi a mais importante publicação dos quatorze anos finais do Império. Suas oito páginas semanais carregaram centenas de charges, caricaturas e histórias em quadrinhos de Agostini que, por sua riqueza de detalhes, permitiram ao leitor ir do publicado nas fontes oficiais do Governo, além do ensinado nas escolas do Império. Ao analisarmos hoje essas obras, temos a possibilidade de ter um panorama mais abrangente dos costumes, conflitos sociais, da ebulição cultural e política que, em um processo longo, culminou com a proclamação da República e abolição da escravidão.

Abolição, progresso e mudanças na configuração

As ideias abolicionistas do período estudado em nosso artigo eram o que representavam o progresso, a mudança na época. A luta pela implantação da República e pelo fim da escravidão retratava uma mudança de configuração que estava em curso, onde o Império e a figura real eram vistos como algo que não fazia mais parte da

civilidade, estavam superados. Há gradual alteração na referência para a sociedade, onde a corte ia perdendo força e a República se consolidando como alternativa.

Essa maneira de retratar o Império era materializada na arte de Agostini, onde Dom Pedro II era sempre velho, preguiçoso e obeso. Observamos na figura acima, veiculada na Revista Illustrada sobre o título “El Rey, nosso senhor e amo”, na edição 450 de 5 fevereiro de 1887, ano XII de publicação. Nessa imagem é possível observar a tentativa em retratar o imperador na condição de despreocupado com as questões políticas, principalmente com os movimentos abolicionistas.



Vamos analisar esta situação a partir das teorias de Norbert Elias através, em particular, da sua visão de processo na edificação da civilização e de seus estudos acerca da construção dos *hábitos* e das *redes interdependentes*. Para o Brasil do Império isso significava uma mudança na correlação entre os setores da sociedade majoritariamente escravagista. Além disso, a gradual e lenta mudança no *hábito* de referência como o “correto” para época.

³ Na legenda abaixo da ilustração, lê-se: “El Rey, nosso senhor e amo, dorme o sonno da...indiferença. Os jornaes, que diariamente trazem os desmandos desta situação, parecem produzir em S.M. o efeito de um narcotico. Bem aventurado senhor! Para vós o reino do céu e para o nosso povo...o do inferno!”.

Cada setor da sociedade é constituído por núcleos de poder específicos em rede, articulados entre si no geral, com mudanças no papel de quem detinha a hegemonia no processo longo da História.

Estudaremos aqui a relação da figuração na qual a luta e o sentimento pró-abolição iam consolidando sua influência sobre uma parcela cada vez mais larga do povo da época em detrimento da perda de força das ideias do Império no Brasil e, conseqüentemente, da sociedade escravagista. As manifestações culturais retratadas nas artes da época espelham essa realidade, em particular, nas charges.

Motivamo-nos pelo tema por ele nos permitir conjugar as expressões representadas nessas artes gráficas que tinham força nesta parte do século XIX, onde acompanhavam a ebulição cultural e política que aportava no Brasil com os imigrantes europeus.

Com o estudo da História como campo ampliado que levam em consideração várias informações e fontes pouco estudadas, podemos compreender melhor como se deram as transformações nas configurações políticas e sociais, em especial na consolidação do movimento e realização da abolição no Brasil.

Vemos no tema a possibilidade de colaborar na consolidação desta parte da arte de nosso país que cada vez mais é estudada e reconhecida nos meios acadêmicos. Essa forma de expressão passou a ser vista como elemento que carrega simbolismo e história, cumprindo sua função formativa e artística.

As charges colocavam em segundo plano a questão internacional, tinham o foco no que se passava no Brasil ou no que tinha relação com isso. Exemplo disso são as várias ilustrações que retratam críticas às campanhas de vacinação obrigatória e à Guerra do Paraguai, onde negros que retornavam ao Brasil reencontravam seus pais escravos.

Quando juntamos estas com a literatura, poesia e textos da época, temos o retrato de um movimento que colaborou na mobilização de parte expressiva da sociedade da Corte que ia se indignando com as práticas de escravidão já abolidas praticamente no mundo todo.

Esses se juntaram aos que estavam margem da configuração majoritária, que não participavam da Corte, levando ambas a, gradativamente, irem formando uma nova configuração que será a referência da sociedade pós-império.

Tal estudo foi feito sem desprezar o fato de essa arte ter posição engajada com a clareza que a mesma oferece a possibilidade de entender o Império a partir da retratação do mesmo com os olhos que o movimento abolicionista o via, o da crítica contundente ao status quo. Os artistas da época tinham posições, suas obras são de crítica cultural, política e social daquele momento histórico

Na charge seguinte publicada na Revista Illustrada em sua edição 415, no X ano de publicação, de 28 de julho de 1885. Aqui Agostini reproduz negros e índios emboscando uma carruagem com autoridades imperiais. A raiva e violência do ato são retratadas nos semblantes dos revoltosos, além da figura de uma autoridade imperial que cai perante o ataque.



⁴ Abaixo da charge lê-se: “A grande degradingolade. Quando o paiz se resolver a quebrar os ferros e gritar: Liberdade!...Que sarilho! O que será do carro do Estado, do saraiva, da monarquia, da imperial sciencia, dos papos de tucanos e da tranquilidade da lavoura!”, em clara alusão a abolição da escravatura.

Além disso, acreditamos ser possível entender o Império em seu Segundo Reinado e revelarmos detalhes novos ou pouco conhecidos a partir das charges. Enxergamos este como instrumento educacional que veiculava ideias diferentes das dos órgãos governamentais e historiadores oficiais da Corte sobre a evolução da campanha abolicionista e o papel que as figurações da época tinham e a que passaram a ter na evolução da corrente pró-abolição.

Para contextualizar e dimensionar o estudado, buscamos levantar os dados existentes sobre a circulação de publicações da época entre os alfabetizados, bem como outras maneiras de verificarmos o alcance destes nos não alfabetizados. Queremos assim entender o papel educacional que as charges cumpriram para fortalecer o processo abolicionista brasileiro.

Mudanças sociais em processo e a importância da obra de Agostini

O período estudado é marcado pela força das ideias imperiais, refletindo a configuração com mais força, que tinham seus costumes reproduzidos para além da mesma, nos *outsiders* do período que vivia a margem da cidade do Rio de Janeiro e não pertencia a figuração hegemônica.

O que ocorre é que o ideário da abolição discutido nos cafés da corte a partir das informações liberais que traziam os imigrantes europeus ocupou espaço na imprensa da época, se fez presente em tudo que estava impresso na Revista Ilustrada.

As mudanças na força de cada figuração foram se dando dia após dia, a referência incontestante do Imperador e sua corte foram sendo corroída por dentro de sua figuração, onde setores desta passam a questionar políticas do governo, entre estas as da escravidão. Por si só estas não tinham força para se afirmarem como alternativa de poder passa a dialogar com o resto da população por diversos meios, inclusive através da arte.

Ângelo Agostini foi posto à margem da corte do Império, suas publicações incomodavam e desestabilizava a figura do imperador, principal retrato das ideias em uso na época. Todo o possível foi feito para desacreditá-lo e mandá-lo de volta à Europa.

Agostini acabou se consolidando entre os abolicionistas, tendo papel de destaque nesse movimento chegando a ser homenageado pela Sociedade Brasileira contra a Escravidão, criada em 1880 por políticos de destaque à época como Joaquim Nabuco e José do Patrocínio.

Além de tudo era um empreendedor incansável, fez uma sucessão de publicações que tiveram razão de ser enquanto existiu Império no Brasil, chegaram ao público, sua Revista Illustrada chegou a ter quatro mil assinantes. Estudar sua obra, em particular essa revista, é estudar o de mais relevante que circulou nesse período no campo das artes gráficas. A ironia de Agostini e a retratação permanente do imperador como expressão máxima da política da época foram às marcas do que o autor produziu.

CONCLUSÃO

A teoria de Norbert Elias nos ajudou a entender a gradual perda de poder da configuração da monarquia, bem como sua relação com as configurações escravocratas e abolicionistas.

Norbert Elias estuda e retrata as relações intraclasses e extraclasses existentes na construção do que hoje chamamos civilização, neste seu trabalho se destaca como situa historicamente o processo civilizador e a sua capacidade de estudar as contradições que existem dentro de um mesmo setor, uma mesma classe social, uma mesma configuração.

Dito isso, estudamos e analisamos a as contradições que existiam na elite do Império que vai, gradativamente, se contaminando pelo ideário abolicionista, mas não faz só. Isso ocorre vinculado ao desenvolvimento nos menos letrados, nos que estavam fora da elite da época, do sentimento de superação do Império junto com a construção de uma corrente abolicionista que perpassou todos os segmentos sociais do período.

Isso se vê na charge abaixo veiculada na Revista Illustrada em sua edição 491, XIII ano de publicação, de 31 de março de 1888, onde a malhação de Judas é feita por uma criança em um boneco que representa o capitão do mato, um dos ícones da escravidão do Brasil, a serviço dos proprietários de escravos, incitando o enforcamento dos mesmos, por serem de origem humilde e estarem a serviço dos senhores.

A teoria elisiana nos permite entender o funcionamento e a evolução do conceito de civilização, da inclusão gradual de conceitos, hábitos e práticas na sociedade, passando a fazer parte do cotidiano em um processo de longo prazo. Isso se dá com o ideário abolicionista também, através do hábito de leitura das charges, caricatura e histórias em quadrinhos que foram ganhando força e espaços entre os formadores de opinião e as parcelas mais largas do povo.

Aqui também cabe o papel que todos exercem sobre todos, indo ao encontro da ideia de uma sociedade egocêntrica. Ao invés de ver os indivíduos no centro de tudo, o autor valoriza a influência que todos exercem sobre todos, se dando aqui seu conceito de *força* e enxerga os seres humanos como valências abertas, colaborando na nossa tese de que o ideário abolicionista assim se construiu para além dos que estavam na configuração de Corte.

Analisar os indivíduos e grupos sociais de maneira isolada constitui um equívoco, vai à contramão da teoria elisiana. Não é possível analisar nem os indivíduos nem as sociedades isoladamente, mas sim dependendo uns dos outros, a sociedade é vista a partir do conceito interdependência.

O conceito elisiano valoriza a interdependência entre as pessoas, o interno, o representado na influência de um indivíduo sobre o outro, da sociedade sobre o indivíduo, entendendo sociedade como um conjunto de indivíduos interdependentes.

Nessa perspectiva, Elias chama nossa atenção para que analisemos essas relações de interdependência a partir dos agrupamentos sociais (mas não apenas deles), o qual denomina de *configurações*.

A Corte, por exemplo, é uma das *configurações* sociais de destaque no período do Brasil Império. Era a partir dela que se realizavam muitas as decisões e normas que regulavam a nossa sociedade naquela época. Além disso, é importante notarmos que as ideias de configuração e valências abertas são inseparáveis e devem ser aplicadas juntas em nossas análises.

Apesar da Corte ter elementos (normas, comportamentos, tipos de relações) que a configuravam como tal, isso não a deixa isolada das demais configurações sociais do

Império. Um figurante da Corte na ideia de valências abertas, por exemplo, poderia transitar noutros espaços sociais e, de alguma forma, influenciá-los e ser influenciado.

Como exemplo dessas influências em via de mão dupla tem o ideário abolicionista que adentrava e se fortalecia gradativamente dentro da própria Corte. E, de alguma forma, as charges tiveram um papel importante dentro do contexto discutido.

As charges podem ser consideradas como fonte a ser utilizada para um melhor entendimento do período em questão, bem como para o estudo da influência das mesmas sobre certa parte da configuração imperial. O artigo tratou a educação como algo que não se encerra na relação cotidiana entre docentes e discentes.

O objetivo foi entender a educação como um instrumento cujo propósito maior constitui em seu caráter transformador. Observa-se com isso a capacidade que ela possui de gradativamente exercer influência. Conclui-se a possibilidade de ocorrer por meio de fontes alternativas, como charges, sobre aqueles que eram a parte *outsider* do sistema oficial de ensino e da configuração de maior poder do Império.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acervo de periódicos da Biblioteca Nacional – Revista Ilustrada, edições de janeiro de 1876 a dezembro de 1889.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

CAVALCANTI, Carlos Manoel de Hollanda. **Ângelo Agostini e seu “Zé Caipora” entre a Corte e a República**, in: História, imagem e narrativas, Nº 3, ano 2, setembro/2006 – ISSN 1808-9895 (pesquisada em 10 de dezembro de 2010).

CARDOSO, Athos Eichler. **As aventuras de Nhô-Quim & Zé Caipora: os primeiros quadrinhos brasileiros 1869-1883**. Distrito Federal: Senado Federal, 2002.

CIRNE, Moacy. **História e crítica dos quadrinhos brasileiros**. Rio de Janeiro: Europa-FUNARTE, 1990.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Narrativas gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.

ELIAS, Norbert. **Estabelecidos e Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.

_____. **Processo civilizador: Uma história dos costumes, volume I**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Capítulos de História do Império**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Editora Atêlie, 2009.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: Editora M Books, 2004.

OLIVEIRA, Gilberto Maringoni de. **Ângelo Agostini ou impressões de uma viagem da corte à capital federal (1864 - 1910)**. São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 2006.

RIBEIRO, Marcus Tadeu Daniel. **Revista Ilustrada (1879-1898): síntese de uma época**. 1988. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História, IFCS-UFRJ. Rio de Janeiro, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A Imprensa do Império**. In: _____. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, Edilson Fernandes de. **Entre o Fogo e o Vento**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010 .

_____. **Histórias e Memórias da Educação em Pernambuco**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

WERNER, Jaeger. **Paideia**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010

Referências na Internet:

Disponível em:

INSTITUIÇÕES Escolares no Brasil Colonial e Imperial. Disponível em <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_075.html>, Acesso em: 29/08/2010.

Site “Omelete”

<http://www.omelete.com.br/quadrinhos/artigos/base_para_artigos.asp?artigo=647> Acesso em: 12/10/2010.